

O RETIRANTE NO BRASIL-67

**
Guardei tudo e fui me embora;
Conheci terras de Minas,
Longes terras de Goiás,
Percorri todo o São Paulo
Andei nos campos gerais;
Vi Salvador da Bahia
Seu grande presepe armar
E vi dos morros de Olinda
A pavonada do mar*

*Agora também, amigo,
Tenho que ir. Já é hora,
Chamando estão os caminhos
Meu destino é caminhar.
Adeus... Adeus... Vou-me embora.*

*(Fragmento do bumba-meu-boi O Coronel
de Macambira, de Joaquim Cardoso)*



O plano dêste folheto e como utilizá-lo

Neste folheto você encontra os dados essenciais para compreender o que se passa em torno do fenômeno das migrações internas.

Numa primeira parte, dirigindo-nos às Igrejas, pastores e aos cristãos em geral, dizemos que este ensaio não é uma simples reportagem sobre o problema. É um apelo à sua responsabilidade cristã e à sua comunidade, esteja ela onde estiver, pertença a que grupo for. Estaríamos divididos diante da necessidade humana?

Há uma série de fotos, tôdas tomadas durante as viagens que realizamos, representando diferentes aspectos da realidade humana envolvida no drama das migrações. Suas legendas contam resumidamente a história do pau de arara — o nome comum a toda essa gente sem um destino certo.

Alguma esperança, alguma saída para tudo isto? O folheto também aponta os aspectos positivos de tal movimento humano e mostra o que podemos fazer como cristãos.

Sugerimos três formas de uso do material aqui reunido, tanto no âmbito de sua igreja quanto no seu grupo:

1. reuniões especiais para leitura e debate dos pontos aqui levantados;

2. à luz dos dados oferecidos, um exame da situação de sua cidade frente ao problema dos migrantes. Se não houver órgãos especializados no assunto (que certamente forneceriam dados), alguns contactos pessoais e entrevistas ilustrariam um importante aspecto da realidade social de sua região (ou as duas coisas);

3. discutir formas de ação concreta. Como ajudar o migrante e sua família? Como reintegrá-lo na vida normal? Não haverá respostas prontas e fáceis. Mas de uma discussão honesta e realista surgirão as verdadeiras dimensões e implicações do problema.

Estudos de Migrações

Internas na América Latina

EQUIPE DE TRABALHO NO BRASIL

Diretor — Waldo A. César

Secretário-executivo — Jether P. Raiminho

Assistência técnica — Tomiko Tanaami

Assessores — Fernando Pedreira (sociologia)

Esdras Brges Costa (sociologia)

Antônio Jordão Neto (sociologia)

Pedro Calil (economia)

Olavo Batista Filho (demografia)

Jovelino P. Ramos (teologia)

Fotos de Tomiko Tanaami

O estudo abrangeu ainda a Bolívia, Peru e México, cujos relatórios constam de outras publicações.

Publicação da

Junta Latino Americana de Igreja e Sociedade

Secretaria Regional do Brasil

Caixa Postal 82, ZC-01

Rio de Janeiro

As Igrejas espalhadas em todo o país
Aos pastôres de tôdas as denominações
Aos irmãos na mesma fé
que nos une em Cristo Jesus

Sempre aparece alguém, na sua igreja, que veio de outra região do país. As vezes é uma família inteira. Ou muitas famílias. Sempre com aquêle ar de dúvida e com as dificuldades tôdas de quem deixou tudo e viajou — sabe Deus como — até chegar a um lugar onde esperam trabalho, escola, moradia e compreensão.

Mas pode ser que essas pessoas ou famílias não sejam crentes e, portanto, não darão o sinal de sua presença na igreja à qual você pertence. Não será difícil, porém, descobrir os sinais de sua existência na cidade. Estão dormindo nas beiradas dos edifícios, ou perambulando pelas ruas e, se têm vez, arranjaram algum trabalho e um barraco na favela. Não são meros vagabundos ou simples prostitutas. Pode ser, no entanto, que acabem vagabundos, prostitutas, ladrões e até assassinos, não por gosto, mas por necessidade. Conselheira ruim é a fome. O desemprego também é oficina de satanás. Ou você acha que a menina de 13 ou 14 anos que vende o seu corpo o faz por senvergonhice?

Nossa tendência tem sido muito fácil e comodista frente ao quadro incômodo da miséria humana: são pessoas preguiçosas, não quiseram trabalhar, por isto estão assim. (Alguns chegam a citar-se como exemplo e a narrar, com detalhes, como saíram da pobreza e da ignorância pelo próprio esforço); e como a cidade é grande, a miséria se espalha e se esconde e não insiste tanto com os nossos olhos limpos, a nossa roupa limpa, a comida boa e a casa agradável que temos.

Devemos lembrar, no entanto, que não é uma família, nem meia dúzia, que se encontra assim na situação de *deslocado*. São milhares. Em 1950, mais de um milhão de pessoas abandonaram as regiões leste e nordeste do país e se

dirigiram para outras regiões. Esse número aumentou em 1960, e é ainda maior agora. Não era turismo, não. Era a falta do mínimo necessário para viver e era a esperança de coisa melhor em outra parte do país.

Assim, enquanto as grandes cidades atraem essas pessoas, as pequenas perdem os seus filhos. Talvez sua igreja do interior tenha tido essa experiência de ver os seus membros partindo, não pelo gosto da aventura, mas pela exigência da necessidade.

Neste folheto, pretendemos analisar a situação que gera o tão estranho — mas já rotineiro — movimento humano. Quais são as suas causas, conseqüências e dimensões? Não nos interessa, porém, apenas uma avaliação estatística ou sociológica do problema. Ao lado de algumas considerações nesses campos, indispensáveis para uma compreensão séria do problema, queremos destacar o aspecto humano envolvido na situação das migrações internas e a tarefa da igreja e dos cristãos diante desse quadro, na maioria das vezes negativo e problemático.

O trabalho que apresentamos aqui originou-se de um projeto de estudo patrocinado pela Junta Latino Americana de Igreja e Sociedade (ISAL), através de sua secretaria-regional no Brasil. Tal estudo, feito durante o período de 1965-1967, teve dois objetivos definitivos: 1) conhecer o problema humano que está atrás de todo esse movimento de população ao qual se denomina de migrações internas; 2) levar às igrejas e aos cristãos o resultado desses estudos, com a finalidade de estimular a sua participação — através de formas concretas de ação e testemunho — num dos grandes problemas humanos e sociais de nossa época.

Convém lembrar, também, que os fenômenos aqui apresentados não são fatos isolados. Eles se relacionam com toda a realidade social brasileira. Representam o resultado de um desequilíbrio social grave entre as regiões e são também conseqüências de uma sociedade injusta.

Se você tem dúvidas, continue a ler. Verá que os fatos são os fatos, gostemos ou não. Nêles está a mais severa crítica à nossa atual maneira de viver. E são os fatos, uma vez conhecidos, que aumentam a nossa responsabilidade.

Não foi sempre assim?

Entre Montes Claros e Monte Azul, no norte de Minas, encontramos esse homem, assim mesmo, sentado na porta do barraco, resistindo às dificuldades, tentando ficar na sua terra. *Sua?* Não é bem isto. Tem um barraco para morrer, às vezes um pedaço de terra onde plantar. Se chove, bem. Se não chove, é preciso se mandar. E, afinal, para que ficar por ali se as cidades estão chamando?

Sua dúvida e sua decisão de partir se perdem na própria história do país.

Para muitos autores o primeiro movimento migratório verificou-se no século XVI, quando colonos portugueses, juntamente com grupos indígenas, abandonaram a região de S. Vicente no sul, indo para o Nordeste, atraídos pela economia açucareira pernambucana em expansão.

Já no século XVII, com a descoberta das ricas jazidas auríferas, na região de Minas Gerais, o eixo migratório deslocou-se e o fenômeno atinge vastíssimas proporções.



No século XIX temos a atração do café, principalmente no Estado do Rio e S. Paulo e nôvo fluxo se forma. E há, ainda, o contingente de nordestinos impelidos pela estiagem de 1877 e pela atração da berracha, que se dirige para a Amazônia, em busca de melhores condições de vida. Terminando o principal fator de repulsão, ficou o de atração e, ainda por muitos anos, até o segundo quartel do século XX foi intenso o movimento para o Amazonas. Calcula-se que um milhão de pessoas entre 1877 e 1945 foram em busca de borracha, onde a maioria só encontrou frustrações, sofrimento e doença.

Ao despontar o século XX outra área passou a chamar a atenção dos trabalhadores nordestinos que, vítimas de uma estrutura sócio-econômica altamente desfavorável, enxergavam nas áreas pioneiras em desenvolvimento a possibilidade de mudarem o curso miserável de suas vidas. Era o cacau do sul da Bahia — que foi outra fonte de desapontamento e miséria.

O grande capítulo das migrações internas, entretanto, teve lugar a partir de 1930, quando a expansão dos cafêzais paulistas determinou a expansão da fronteira econômica para o Oeste do Estado de S. Paulo e Norte do Paraná. Depois veio o algodão e a cessação de imigrantes estrangeiros. O próprio governo viu-se na contingência de estimular a migração para S. Paulo. Havia também, firmas que se especializaram em aliciar *braços* (mineiros, nordestinos, etc) para a lavoura do Sul, montando agências nos entroncamentos rodoviários e ferroviários, cidades-chave do interior onde ofereciam passagens e perspectivas novas de futuro. O surto migratório foi de tal ordem que ultrapassava a casa das 100.000 pessoas por ano.

Hoje o fenômeno persiste, não somente para S. Paulo e Paraná. Há outros centros de atração, como Mato Grosso, Goiás e todas as grandes cidades do país.

Mas por que saem
de onde estão?

O migrante, o pau-de-arara, o *Se-verino* não sai de sua terra para passear. Também não é a seca o principal fator de sua viagem enorme. A falta de dinheiro — e portanto de comida e de roupa — é o grande fator que faz largar tudo em busca de outro lugar e da vida melhor que ele sempre quis.

Os sociólogos Antônio Jordão Neto e Santa Helena Bosco, na pesquisa que fizeram no setor de Estudos e Pesquisas do Departamento de Imigração e Colonização, registram as respostas que colheram de 205 migrantes que ficaram na hospedaria do DIC, no Brás, em São Paulo.

São elas:

Salários baixos. Falta de trabalho. Não dava para viver. Seca, pouco trabalho.

Estava ruim. Sem recursos. Não dava nem para comer.

Falta de serviço. Não dão terras para plantar.

Veio juntar-se a parentes que já trabalhavam aqui.

Veio a passeio, por curiosidade, para experimentar o serviço aqui.

Situação ruim. Saiu para ganhar dinheiro e comprar terras.

A lavoura daqui é melhor para tratar. Já esteve aqui e resolveu voltar.

Os “tratos de serviço” daqui são melhores do que os de lá. Trabalhava em terra “praguejada”, que o proprietário cedia. Após a primeira colheita, quando a terra podia produzir melhor, o

proprietário soltava o gado para acabar com tudo.

Veio para ganhar dinheiro para mandar para a família, que passa necessidades.

Trabalha aqui há um ano e já deu para ir buscar a família.

Porque só tinha notícia de que o governo ia mandar ajuda ao lavrador, mas nunca “viu a côr”. Vai experimentar aqui uns tempos, para ver se é melhor.

Lá não dá roça boa. Quer ganhar dinheiro para pôr os filhos na escola.

Lá a vida é só para “tubarão”, que é apoiado pelo governo. O pobre sofre muito, não dá para viver.

Trabalhou lá para vários patrões e nenhum deles quis registrá-lo. Quer emprêgo fixo e registrado.

Veio para ganhar dinheiro e comprar um caminhão de transporte.

Lá não há “recurso”, a vida é “fraca”, veio caçar lugar mais “forte”.

Porque a terra não ajudava. Chuvas escassas. Não dava para “criar lavoura”.

Porque aqui tem empréstimo.

Só havia serviço quando chovia.

Porque queria conhecer um pedaço do mundo.

Seria impossível determinar com exatidão quantas pessoas ou quantas famílias se deslocam anualmente de seus Estados de origem para outras regiões do país. Muito menos se sabe quantas pessoas se movimentam dentro do seu próprio Estado, pois isto não pode ser controlado. Os dados são antigos e falhos. Em 1950, segundo o Conselho Nacional de Estatística, 575.548 pessoas deslocaram-se do Nordeste no período;

da região Este saíram 804.225. Claro, enquanto essas duas regiões perdem braços, as outras os recebem: 74.997 pessoas foram para o Norte; 286.137 para o Centro-Oeste; e 1.018.669 se localizaram nos Estados do Sul.

A primeira pergunta que naturalmente se faz, diante de tão impressionante deslocamento humano, é esta: por que essa gente não fica onde está?



A pergunta se repete — e outras surgem — ao verificarmos o verdadeiro drama que está atrás dessas longas viagens. Vamos tomar alguns exemplos dos relatórios da equipe de ISAL¹, cujas principais viagens alcançaram as seguintes regiões:

Rio-Fortaleza (eixo migratório nordeste-sul), por terra, com estudos e pesquisas em Governador Valadares, Teófilo Otoni, Vitória da Conquista, Feira de Santana, Salvador, Aracaju, Maceló, Recife, João Pessoa, Campina Grande, Palmares, Natal e Fortaleza.

Rio-Maceió por terra, abrangendo outras cidades do mesmo eixo. Norte de Minas, incluindo trabalho em Belo Horizonte, Monte Azul, Montes Claros e Salinas.

Sul de São Paulo (zona de destino dos migrantes), abrangendo Ourinhos, Presidente Prudente e Pôrto Epitácio.

Matô Grosso, principalmente Colônia Rio Branco e Cuiabá.

Rio-Salvador, por terra.

Quais as condições em que migram?

Raros são os que migram conscientes das implicações e dimensões do empreendimento encetado. Partem geralmente levados por um desejo de melhoria de vida expressa em termos de empregos mais compensadores, recursos educacionais, assistenciais e hospitalares e, outros elementos que nem mesmo conseguem verbalizar, mas que a seus olhos representam progresso.

A força que põe o migrante em movimento pode ser uma crise na família, como morte, doenças graves, acidentes, outras vezes falta de chuva, pragas, desempregos ou o desespero de quem esperou muito tempo em vão.

Numa visita ao norte de Minas, numa das zonas fisiográficas com grande volume de migrações, fomos encontrar uma situação que tipifica a vida de muitos migrantes: uma zona infestada por barbeiros, schistosomoses e ou-

tras doenças tropicais, onde a predominância das grandes pastagens dedicadas à pecuária de corte só permitem o emprêgo de pouca mão de obra num regime de semi-servidão. As casas de taipa oferecem condições ideais para a proliferação de barbeiros, as crianças nuas e de pés no chão, andam com os ventres inchados, o rosto amarelo de anemia. O empregado pouco estímulo encontra para cultivar um pedaço de terra, pois é de hábito o coronel soltar o gado quando o feijão e o milho começam a crescer. Nas pequenas fazendas a água é pouca, a terra é pequena e a técnica agrícola primitiva, quase não havendo arados, nem mesmo de tração animal. Assistência médica precaríssima, ausência quase total de recursos governamentais, desestímulo a qualquer iniciativa mais avançada. Via de regra o homem é fatalista como sucede quando se sente impotente face ao domínio da natureza e do sistema social. O jovem que consegue um lugar para estudar na pequena cidade não encontra mercado de trabalho, nem estímulos para progredir — o jeito é sair em busca de oportunidades em Belo Horizonte, São Paulo, Rio... O evangelho também abre novas perspectivas de vida quando libera o homem das relações tradicionais de cunho paternalístico. As cartas que chegam das cidades invariavelmente contam coisas boas. A mente do homem do campo passa a ser povoada de visões fantásticas.

O migrante arruma os seus panos, "trens" e inicia a grande aventura, como Abraão, deixando a sua terra e a sua parentela.

Muitas vezes caminham léguas à procura de transporte: ônibus, trem, caminhão, vapor.

As viagens levam dias. Quem vem do Nordeste, de trem, embarca num vagão de segunda classe da Viação Federal Leste Brasileira, mais conhecida como o "trem baiano" que, depois de 5 a 6 dias de grande desconforto, chega a Monte Azul onde descarrega na cidade mal iluminada a leva dos migrantes.

Quem tem recursos dorme nos hotéis pobres perto das estações, quem não tem fica ao relento ou sob a marquise da estação enquanto a noite fria desce sobre Monte Azul.

(1) ISAL é a sigla de Igreja e Sociedade na América Latina, cuja secretaria-regional do Brasil realizou estudo que aqui apresentamos.

Alguns não têm dinheiro para continuar viagem porque os recursos eram niqueis, tudo era mais caro, houve coenças, houve furtos.

Alguns buscam emprêgo e acabam ficando por lá mesmo à espera de melhores oportunidades.

O emprêgo é geralmente escasso e quem quer empregar caras desconhecidos? Com os agravantes do cansaço, fome e doença, a solução é mendigar, com arrogância ou humildade. Mas, uma vez começado é mais fácil mendigar do que trabalhar e ganhar tão pouco. Mandar as crianças pedirem comida ou dinheiro é outra saída, pois crianças comovem mais.

A viagem continua de Monte Azul a Belo Horizonte, cuspindo poeira, descarrilhando facilmente. Nova baldeação e, rumo a São Paulo ou Rio depois de 9, 10 dias.

O quadro dos que empreendem a viagem por rodovias não é muito melhor. O preço das passagens, sendo mais caro, oferece uma seleção natural: os solteiros, os chefes de família, as famílias com mais recursos preferem os ônibus, mesmo porque a viagem é mais curta e geralmente há mais conforto.

Mas nem sempre são ônibus que transportam migrantes. Os famosos paus-de-arara continuam a rodar apesar da fiscalização exercida nas artérias principais.

Em Montes Claros um motorista de caminhão declarava transportar quarenta paus-de-arara que "vendeu" a um fazendeiro, quando o trato inicial previa o seu transporte de Campina Grande ao Triângulo Mineiro.

As condições de viagem, a promiscuidade dos albergues improvisados em oficinas abandonadas e armazéns, a mendicância, tudo isso é degradante e acaba por afetar seriamente os membros das famílias. São menores que se marginalizam, são mocinhas que se "perdem" e acabam por ingressar na prostituição, são chefes de família alquebrados e entregues ao alcoolismo. E, o que dizer de milhares de crianças que são internadas em estado de profunda debilitação, impossibilitadas de andar aos 2 anos. Quantos outros não resistem e ficam enterrados à beira das estradas?

A chegada, por sua vez, está longe de ser o que o migrante havia sonha-

do. A rua que escrevia cartas bonitas, trabalha num *rendez-vous*, o filho está desempregado, a casa é um barraco no morro; não se consegue trabalho, pois todos exigem documento em ordem, assinatura do nome e certa qualificação. A cidade grande e bonita está ali adiante da lagoa. Ao menos a paisagem bonita para alegrar os olhos...

A falta de documentação é um problema difícil de ser solucionado. O registro dos pais, o casamento civil, o registro das crianças, a carteira de reservista, tudo complicado com muitas assinaturas, testemunhas, impressão digital..., custando dinheiro e trabalho. Como podem centenas e milhares de pessoas viverem sem serem sequer registradas? Outras vezes, é preciso mandar vir documentos do Norte, é o correio que não ajuda, é a informação imprecisa e o que ficou esquecido demora a vir.

É preciso trabalhar mas, como? Não há emprêgo para os da cidade, muito menos para o que chega mal vestido, pés no chão, desdentado e ainda sem saber fazer nada, pois sempre "puxou" enxadadas. É tratar a mulher de arranjar roupas para lavar e os meninos para catar coisas por aí. Se Deus ajudar ele ainda vai ser "meia colher" numa construção.

As observações colhidas no meio rural indicam que a situação não é das melhores devido ao excesso da oferta de mão de obra e modificações do sistema de cultivo. Tal situação dá margem a grande exploração do trabalhador, que em desespero de causa acaba sujeitando-se a uma situação de semi-escravo. Nas fronteiras de São Paulo com Paraná ou em Mato Grosso verifica-se alto índice de mendicância, famílias inteiras esmolando comida, homens maltrapilhos tentando a sorte, enquanto "os gatos" agenciam mão de obra sob promessas fantásticas.

Muitos retornam desiludidos, doentes, saudosos de sua terra natal. Qualquer notícia boa de sua terra serve então de chamariz. Mas aqueles que retornam, freqüentemente não se ajustam mais à antiga forma de vida e depois de alguns meses repetem novamente a mesma viagem.



Qual é o papel da Igreja?

Como continuadora da vocação missionária de Israel, a Igreja tem de seguir o seu Senhor como o povo seguia a nuvem no deserto. Ora, se Cristo se identifica totalmente com os pequeninos, entre os quais se encontra o migrante, ali deverá estar a Igreja.

Quando falamos igreja, não estamos excluindo a instituição eclesíastica. Mas temos em mente de modo especial aquela comunidade consciente de cristãos que pode estar dentro ou fora da instituição. Essa vanguarda da fé, que analisa os sinais dos tempos, tem de se fazer presente dentro do processo migratório, como sal e luz.

E convenhamos que o movimento migratório, por ser parabólico da própria fé, tem muito para receber e também muito para dar neste encontro. Pode até mesmo descortinar à comunidade novas formas de vida. Pode atuar como um fator de renovação da sua maneira de ser. E aqui vai um exemplo concreto desta possibilidade. Há pouco tempo um jovem pastor do Estado do Espírito Santo veio a determinada Igreja do Rio de Janeiro com um pedido de ajuda financeira ao seu presbitério, então empenhado em abrir um campo missionário naquela região em moldes distintos dos tradicionais. Argumentava

que, devido à aplicação naquela área da política da erradicação do café, dezenas de milhares de pessoas ficaram sem trabalho e tiveram de se mudar. Em consequência deste fato, muitas igrejas protestantes deixaram de existir. Diante de tal crise os pastores se reuniram para estudar o assunto e descobrir uma forma de encaminhar e acompanhar os seus paroquianos, procurando não só preservar-lhes de algum modo os vínculos comunitários como também de propiciar algum trabalho aos que não desejassem sair da região. Descobriram então que o governo federal estava projetando a construção de uma grande hidroelétrica nas adjacências. Inteiraram-se do assunto e passaram a aconselhar os paroquianos e a circunvizinhança a procurar emprego no projeto. Ao mesmo tempo programaram um trabalho de assistência pastoral plena para esta nova situação.

É tudo o que sabemos, por ora, do Projeto Mascarenhas (nome da cidade onde se construirá a hidroelétrica). Mas queremos ressaltar um ponto importante relacionado com o mesmo. Quando aquela igreja de zona altamente urbana foi solicitada a contribuir financeiramente para o sustento da obra, a mesma atendeu a solicitação, fazendo, porém, uma sugestão: que o trabalho de Mascarenhas fosse realizado tanto quanto possível em termos ecumênicos e não sectários; e que os crentes fossem orientados rumo a uma participação em todos os aspectos da vida daquele projeto; e que não fossem instruídos a se fecharem no seu grupo religioso.

Este episódio nos mostra que o fenômeno das migrações afeta criticamente a vida da igreja e pode ser instrumento da graça forçando-a a reconsiderar a validade das suas formas de estruturação. Por outro lado, pode levá-la a descobrir um modo de ser que faça justiça à sua razão de ser.

Forçoso, porém, é admitir que de um modo geral a Igreja tem estado ausente do setor das migrações.

As instituições eclesíásticas, por exemplo, são praticamente alheias ao fenômeno. Tomam conhecimento do mesmo quando procuradas pelos recém-chegados. Estes, quando as procuram, passam a freqüentá-las e serão arrola-

dos mais tarde como membros. Muitas igrejas protestantes do Rio e de São Paulo crescem nesta base. O novo membro continua na cidade o tipo de vida religiosa que tinha no interior. E o processo de relacionamento da nova igreja com o migrante pára aí. Por outro lado, grande número de paroquianos vindos do interior, quando chegam não procuram a Igreja e nem são procurados. E são exatamente os mais necessitados. Se, por um acaso, a paróquia os procura, é quase que exclusivamente para dar-lhes assistência religiosa.

Uma coisa é certa. No Brasil, pelo menos, a instituição eclesiástica não se interessa por um contacto em profundidade com os desafios do processo migratório, talvez por prudência, talvez por medida de defesa. Mas deixando de lado o institucionalismo, com as suas virtudes e vícios, podemos dizer que mesmo os cristãos de vanguarda não têm conseguido organizar um ministério efetivo para este tipo de problema. Aliás, a preocupação com o assunto tem se limitado a um grupo muito reduzido de estudiosos da matéria que, como João Batista, são vozes a clamar num enorme deserto.

No entanto, o ensino apostólico sempre orientou a igreja no sentido da presença entre os sofredores. É o que aprendemos de Paulo, aquele homem que conhecia de experiência as peripécias da peregrinação pelo mundo. Para ele o que caracteriza a forma da vida cristã é a forma despretenciosa, humana e servicial do próprio Cristo em sua encarnação (Fil 2.5-11). A base desta compreensão conceitua a sua própria liberdade e responsabilidade afirmando: "Porque sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem, debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fôsse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos,

com o fim de por todos os modos, salvar alguns." (I Cor 9.19-22)

Este sentido de identificação com os migrantes deve nos desafiar como parte da igreja viva do Cristo que não veio para ser servido mas para servir; que não esperou ser buscado mas que foi em busca; que não selecionou áreas de serviço mas que deu preferência aos mais necessitados. Ser cristão é corresponder a esta demonstração de amor que nos leva a Cristo aonde ele está. Fugir à situação do migrante é fugir ao próprio Cristo.

Já é quase lugar comum a repetição de quão desumanas são as condições em que são atirados os migrantes ao chegarem à cidade. Geralmente vão para os cortiços e favelas. E a favela é o *quarto de despejo*, como diz Carolina de Jesus no seu dramático diário. O que raramente se diz é que a situação de onde vieram era ainda mais desumana. Tanto é verdade, que em sua maioria os favelados não querem voltar. O homem nesta situação não tem muita escolha. Sai da sua terra porque não agüenta mais.

Todavia, precisamos estar atentos para não adotarmos uma atitude anti-migratória. Tal atitude em nada vai adiantar, pois a migração é um fenômeno universal irreversível e acelerado neste século. Além do mais, os aspectos positivos do fenômeno superam em muito os negativos. Harvey Cox no seu famoso livro *The Secular City** mostra que a migração é um fenômeno que favorece os mais fracos na sua luta contra o opressor. Diz que a concentração nas grandes cidades da população negra egressa do interior é em grande parte um fator do triunfo na luta pelos direitos civis nos EEUU. Aliás, acredita que mesmo as pessoas conservadoras podem modificar a sua mentalidade se ousarem sair do lugar em que vivem. Para ele, é muito difícil mudança de ponto de vista sem que se mude o ponto de onde se obtém a vista.

O cristão, porém, tem de encarar o fenômeno dentro de uma perspectiva humana e lutar para que o mesmo se desenvolva dentro desta perspectiva. Neste sentido, grande é a compreensão

(*) Em tradução para o português, pela Editora Paz e Terra, com o título *A Cidade do Homem*



do assunto revelada por João XXIII na encíclica *Mater et Magistra* quando, a certa altura das suas considerações sobre o mesmo, esclarece: "É de notar-se, entretanto — e isso é indubitável — que êsse êxodo é também provocado pelo fato de ser o setor agrícola, quase em tôda parte, um setor subdesenvolvido, seja quanto ao índice de produtividade da mão-de-obra, seja quanto ao nível de vida das populações rurais. Daí o problema de base que se oferece a todos os países: que fazer para reduzir o desequilíbrio de produtividade entre o setor agrícola de um lado, e o setor industrial e de serviço, do outro, para conseguir que o nível de vida das populações rurais se distancie, o menos possível, do nível de vida dos cidadãos; para que os agricultores não tenham um complexo de inferioridade; para que êles, ao invés disso, se convençam de que no meio rural também é possível desenvolver-se a personalidade pelo trabalho e considerar-se o futuro com confiança? Parece-nos, por isso, oportuno traçar algumas diretrizes que possam contribuir para a solução do problema. Elas valem, pensamos nós, qualquer que seja o ambiente histórico, encontrado, sob condição, como é óbvio, de serem aplicadas na forma e na medida que o meio permita."

A seguir, o Papa recomenda algumas diretrizes para reduzir êste antagonismo perigoso e injusto entre a cidade e o campo. E aqui chama a atenção para um elemento que deve estar bem presente em nossas preocupações. Que o nosso interesse pela migração não nos leve a um desinteresse pelas condições que forcem o homem a deixar a terra contra a sua vontade. Num país subdesenvolvido como o nosso, a cidade é para o campo o que a metrópole é para a colônia. É uma parasita. A questão é, pois, política. O problema deverá ser equacionado, em parte, em termos de desenvolvimento das áreas rurais. É o que demonstra a seguinte recomendação desta encíclica: "Em primeiro lugar, cada um deve empenhar-se, a partir dos poderes públicos, para que os meios rurais disponham, como convém, de serviços essenciais: estradas, transportes, comunicações, água potável, habitações, cuidados médicos, instrução elementar e formação profis-

sional, serviço religioso, recreação e, também, tudo que é necessário à casa rural, para seu arranjo e sua modernização. Se tais serviços, que constituem em nossos dias os elementos essenciais de um nível de vida digno, faltam nos meios rurais, o desenvolvimento econômico e o progresso social tornam-se quase impossíveis ou muito lentos, daí resultando o êxodo quase irresistível e dificilmente controlável, das populações do campo."

Se o cristão vai levar a sério as suas responsabilidades para com a questão migratória o que deverá fazer, antes de mais nada, é procurar obter uma visão da mesma em tôdas as suas dimensões. A seguir, deverá agir sempre com o cuidado de não se deixar dominar por um espírito de assistencialismo puro e simples, que o impeça de atacar a raiz da mesma. Seja porém qual fôr o alcance das suas considerações e atitudes, não será justo passar de largo farisaicamente sobre as vítimas de uma estrutura injusta que reclamam atenção imediata.



Conclusões

Os itens que seguem constituem as principais conclusões do estudo realizado:

1. O fenômeno das migrações internas é de origem preponderantemente sócio-econômica. Reflete a existência de desajustes sociais, de inconformidade com as condições de vida existentes. As aspirações de progresso social vertical, quando se chocam com barreiras, relacionadas com a estrutura social (estrutura agrária arcaica, por exemplo) vão

se manifestar em forma de deslocamento horizontal da população, em busca, muitas vezes não alcançada, de melhores níveis de bem-estar social;

2. O fenômeno de migrações internas é também sintoma de modificações na estrutura de emprego na América Latina, significando um deslocamento de recursos humanos, obedecendo às modificações do eixo das principais atividades econômicas, de acordo com as exigências do desenvolvimento;

3. Não havendo o necessário desenvolvimento do setor secundário (classificação de Collins) a mão de obra que se desloca, desqualificada, não é absorvida, criando-se todo o processo de marginalização. Há um aumento desproporcional também do setor terciário. A oferta excessiva de mão de obra simples causa o sub-emprego, com o aviltamento do trabalho. Entretanto, se isto é válido para a primeira geração, o mesmo não acontece com a segunda, que encontra menor dificuldade graças aos meios culturais de que vai dispor, de incorporar-se à vida urbana-industrial;

4. O crescimento desordenado das cidades (urbanização caótica) é fruto, em sua maior porcentagem, do fenômeno de migrações. Os centros urbanos não podendo fazer frente, com seus limitados serviços públicos (água, esgoto, transporte, rede assistencial, etc) a um crescimento tão acelerado entram em sérias crises de deficiência. O deficit de habitações aumenta assustadoramente, e em todas as grandes cidades da América Latina, o quadro dos bairros marginais é uma constante, com toda a sua gama de miséria, sofrimento e marginalidade;

5. O planejamento do desenvolvimento econômico-social, com as reformas básicas estruturais necessárias, deverão disciplinar, racionalizar e orientar as migrações internas, sem que signifique o seu estancamento, o que seria impossível pelas modificações dos setores de trabalho que seriam introduzidas;

6. As migrações internas, representando um protesto contra as arcaicas estruturas sócio-econômicas vigentes, especialmente no campo, atuam como elementos de pressão contra a estrutura atual. A redução quantitativa dessas correntes estaria relacionada com uma reestruturação do sistema latifundista, anti-econômico e anti-social da propriedade e posse da terra;

7. O distanciamento evidente entre as zonas urbanas e rurais com referência aos níveis de bem-estar social (saúde, educação, previdência social, etc) necessita ser reduzido, no sentido da diminuição do movimento migratório;

8. As migrações internas olhadas como *consequência* de uma situação de

desajuste social, entretanto, a longo prazo atuam como fator dinâmico de progresso social. Para a sua compreensão devem ser estudadas as causas (sociais, econômicas, culturais, políticas, etc) que expulsam a população do seu habitat, e os fatores que lhe servem de atração. Os migrantes não podem ser vistos como simples aventureiros ou irresponsáveis. São fruto de uma situação que não criaram;

9. As migrações internas, com o tempo, permitem a inclusão no mercado nacional, de numerosa camada da população, que vivia em uma economia marginal;

10. As migrações internas, em muitos casos, vão permitir que parte da população, que não tinha participação na vida comunitária nacional, venham a se tornar membros ativos, conscientes de seus direitos e deveres. Atuam como fator inicial de politização de massas, já que permitem a quebra de uma dependência servil que lhes era imposta pelo arcaísmo do campo;

11. Nas migrações de uma zona agrícola mais atrasada, ou de terras esgotadas para outras áreas melhores dotadas, há também fatores positivos pois possibilitará o aumento da produtividade agrária;

12. As formas desumanas como se processa o fenômeno das migrações devem impressionar a todas as forças da sociedade. A Igreja não pode se omitir do assunto, sabendo, entretanto, que não terá condições de resolver ou acabar com o fenômeno. Precisa, antes de tudo, compreender que as migrações não são fato isolado, estão dentro de um contexto social injusto e que os migrantes não são simples mendigos ou ociosos. A medida que a Igreja deixa de ser um foco de resistência às mudanças sociais, e atua como elemento propulsor a estas mudanças estará atuando pela humanização do fenômeno;

13. A ação da Igreja em favor do migrante não deverá se constituir em atitude paternalista ou tranquilizadora. Deverá ser, antes, uma contribuição no sentido de capacitá-lo para uma nova situação de vida. Deve ser um sinal de sua presença e participação. Este serviço deve envolver sempre que possível toda a comunidade, sem sentido setorial e planejado tecnicamente.

É possível alguma forma de ajuda?

Não é fácil a assistência ao migrante. Num país com as dimensões do Brasil as coisas se complicam mais ainda. Sobretudo porque migração interna está essencialmente ligada à mudança de estruturas. Portanto, quem se põe a trabalhar com a intenção de "resolver" o problema está sonhando. Mas também não é ficar num assistencialismo paternalista, que pode ser meramente do tipo beneficente ou tipo moralista, isto é, "recuperar o homem decaído". A questão é compreender o problema como um todo e ver de que forma realizar um trabalho sério, sem grandes pretensões. A idéia é muito mais estar presente dentro de uma situação caótica procurando os caminhos que levem à humanização.

No Brasil, algumas tentativas foram feitas em serviços de assistência ao migrante por órgãos governamentais e entidades particulares.

Trabalho realizado pelo extinto INIC, Instituto Nacional de Imigração e Colonização, teve âmbito nacional com a instalação de diversos postos e hospedarias ao longo do sistema viário nacional, desde os pontos de saída como os de chegada do migrante. Houve tentativas de se proporcionar uma assistência global que incluía concessão de passes, hospedagens, assistência médico-sanitária, fiscalização de empregos, colocação e orientação geral. Apesar de ter um plano aparentemente bom e recursos razoáveis, os resultados não foram dos mais compensadores. De forma geral, os que trabalham nesse campo mostram-se céticos quanto às possibilidades desse tipo de serviço.

Entre experiências de entidades particulares, merecem destaque os trabalhos, desenvolvidos no Nordeste, de orientação aos futuros migrantes.

As observações colhidas quanto aos problemas dos migrantes e quanto a serviço de assistência permitem-nos sugerir algumas formas de trabalho:

1. Orientação do migrante no local de origem através de contactos nas Igrejas, Escolas e outros centros de convergência de pessoas ou através de programas locais de rádio, esclarecendo e orientando quanto a possibilidades reais e dificuldades mais comuns, documentos a levar, etc.

2. Programas de capacitação de migrantes nos centros de trânsito de migrantes como Feira de Santana, Governador Valadares, Ourinhos, etc. Esses programas podem abranger desde educação de base, treinamento artesanal e profissional até tratamento médico, obtenção de documentos, encaminhamento a empregos, etc.

3. Programas semelhantes ao anterior, em grandes centros urbanos com o objetivo de capacitar o migrante e facilitar a sua aculturação pela presença de grupos próprios de migrantes, pelo incentivo de atividades de auxílio mútuo, etc.

Em todos esses programas seria importante procurar sempre métodos dinâmicos de serviço e ensino, valendo-se de todos os recursos existentes na comunidade, bem como verbas previstas para programas específicos em diversos ministérios.

Sem a devida compreensão das grandes diferenças existentes entre a vida do campo e da zona urbana, entre as categorias de valor do cidadão e do camponês e acima de tudo sem a participação real do migrante é difícil conseguir resultados satisfatórios em trabalhos dessa ordem.

A Igreja como um dos elementos da comunidade não pode se omitir no assunto. Não para fazer trabalho sectário ou proselitista. Mas uma participação real, autêntica e entendendo que o fenômeno é global. Tecnicamente planejado.

Antes, é preciso ter a consciência de estar participando de um processo de mudança que deve ser irreversível.



15.30 horas. Km. 660, perto de Teófilo Otoni. Um grupo caminha devagar no acostamento da Rio-Bahia. Nós, porém, estamos motorizados e num instante cruzamos por eles. E podemos ver de perto a família e individualizar seus rostos, objetos, plantas, galinhas. A mu-

lher só tem sandália para um pé, a outra acabou. Os demais, de pé no chão, há dezenas e dezenas de quilômetros. Duas crianças de colo. Uma família completa, não falta nada, tudo que tem caminha com eles, integrados na mesma decepção e na mesma esperança.



O diálogo é o de sempre, quase nada de novo.

— Vamos por aí.

— Para onde?

— Não sabemos não. Onde dé pra ficá e trabalhá.

— Por que saíram de onde estavam?

— Ah, o patrão num deixava a gente nem plantá quiabo. Assim num danta.

E seguem a estrada com os próprios pés, à margem do asfalto — à margem do progresso, desenvolvimento, integração, velocidade discursos, candidaturas

